



Revista
de Psicologia

ISSN 2179-1740

JÁ É QUADRINHO DO MORRO: JUVENTUDES E COMPLEXIDADES PERIFÉRICAS

“JÁ É” *SLUM COMIC: YOUTHS AND PERIPHERAL COMPLEXITIES*

Andréa Máris Campos Guerra¹

Mariana da Costa Aranha²

Mariana Furtado Vidigal³

Resumo

O artigo propõe uma reflexão sobre estratégia metodológica de intervenção orientada pela psicanálise e voltada à população jovem, negra, masculina e de periferia. Visa infletir sobre problemas estruturais como preconceito racial, mortalidade e criminalidade juvenis com vistas a sua superação. Para esse fim, analisa a importância do ato de fala que presentifica o jovem na cena urbana, discute a distância entre a linguagem do jovem e aquela das estratégias públicas, bem como sua necessária mudança. Apresenta e analisa o relato de uma experiência de construção participativa de um quadrinho mangá, através de conversações psicanalíticas realizadas no território, que interpela a diferença entre asfalto e favela, revelando um binário complexo que precisa ser mais bem explorado para evitar falsas oposições. Finalmente, apresenta pressupostos que considera essenciais para uma abordagem das juventudes que considere seu gesto autoral como escrita necessária de sua presença na cidade.

Palavras-chave: Juventude; psicanálise; metodologia; intervenção; mortalidade juvenil.

Abstract

The article proposes a reflection about methodological strategy of intervention guided by psychoanalysis and aimed at the young, black, male and peripheral population. It aims at inflecting on structural problems such as racial prejudice, juvenile's mortality and criminality with a view to overcoming it. For this purpose, it analyzes the importance of the speech act that presents the teenagers in the urban scene, discusses the distance between the language of the adolescents and the public services, as well as its necessary change. It presents and analyzes the report of an experience of participatory construction of a comic book, through psychoanalytic conversations carried out in the territory, which addresses the difference between 'asphalt' and slum, revealing a complex binary that needs to be better explored to avoid false opposition. Finally, it presents assumptions that are essentials for a youth approach because considers its authorial gesture as necessary to write their presences in the city.

Keywords: Youth; psychoanalysis; methodology; intervention; juvenile mortality.

¹ Psicanalista. Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Email: andreamcguerra@gmail.com

² Psicanalista. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Email: mariana.aranha13@gmail.com

³ Psicanalista. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Email: marianafvidigal@yahoo.com.br

PARA COMEÇAR A CONVERSA

“Chegaria antes. Era preciso, com a agilidade dos pés de bola, descer, passar do beco da alma, atravessar a Doze e seguir até o final. Foram três ou dois, coisa que um dedo de raiva teima por fazer a hora esquecer, seguidos de, apesar dos quase roucos suspiros, um gemido longo e empostado.

Em algum quando, com tanto rasgo de cinto sentido nas costas, o vivido se diminuiria pelo chiado do pulmão afogando em sangue grosso. Os anticoagulantes foram, invadindo a semifinal no campinho do Pavão - União contra Floramar -, a entrega de mais um:

- Onde você colocou minha aspirina, Pedro?
- Não peguei não, senhor.
- Pegou sim, moleque fedido. Você e seu gêmeo só prestam pra eu escutar o barulho do couro quebrando!

Dezoito, com pausa de dez segundos entre uma e outra. Espumava que era para arder mais, ficar na dor e sentir o couro puxando a pele. Porrada seguida deixa o corpo mole em anestesia.

Expondo o oco da boca em gengiva, como quem conduz música, as chicotadas de início faziam respingar um zunido vibrante, notas em que o pigarro, carne e muco, era engolido num som pareado com tempo da violência. De tanto mover o braço e todo dia ver a fivela do cinto fazer espocar o ombro, cansado do riso, tio Abel se esticou no sofá da casa de dois cômodos e, sem querer estar, encontrou a cartela rosa junto às bitucas de San Marino empilhadas por ele mesmo no assoalho de ardósia.

- Agora posso ir para o jogo, senhor?
- O solavanco te deixou mais burro, foi? Quer agora levar tiro na cara, seu bosta? Já deu hora do jogo e você não pode mais entrar em campo, viadinho desgraçado. Que horas chega seu irmão? Quem sabe não foi aquela merda que disse preu jogar o remédio no chão...

Mesmo esparsa, regularmente, em dia que a chuva vem à Alameda do Doze, com todos os bueiros faltando e chão de terra batida, a rua toma como apropriada a condição de lamaçal. E se pelo córrguin fosse menos perigoso? Para-choques de carro, pontas

de prego, animais sem crânio boiando e pneus.

Sentia a lama pressionando para que o ar do peito escapasse antes de a respiração remontar o alento pela sobrevivência. Um pé depois do outro fustigavam, em dissonância, o barro, como um soco após o outro, ao ritmo daquela boca murcha, que babava até para fumar cigarros, acendendo o fundo de um na ponta do seguinte.

- O que aconteceu, Pedro?!
- O neném tá bem, amor?
- Sim. Tá mexendo normal.
- O que foi? Por que veio correndo na lama? O que foi?
- Atirei nele.
- O quê?!
- Sei lá quantos tiros. Ele tentou bater no André, daí eu gritei “no meu irmão não” e peguei a arma” (Ana Drawin, 2017).

Esse conto é fruto de uma pesquisa intervenção⁰¹, orientada pela psicanálise e realizada em Belo Horizonte, Minas Gerais, através da Universidade Federal de Minas Gerais, por um dos Programas do Núcleo Psilacs (Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo), denominado Programa Já É Quadrinho, do Curso de Psicologia. Ele acontece a partir de investigação em parceria com as Universidades da PUC-Minas, de Rennes II, na França, e de Antioquia, na Colômbia, numa perspectiva multicultural e descolonizadora.

O conto foi escrito por uma jovem universitária, classe média alta, branca, mulher. Ela escutou uma narrativa memorialística de um jovem adolescente, negro, morador de periferia, atravessado pela experiência com a criminalidade. A narrativa do jovem foi colhida em encontro com duas de nossas pesquisadoras de campo e gravada em áudio. A única demanda para ele foi: “conte-nos sua história”. O adolescente, então, fabricou-se: “dá pra acreditar que eu nasci no dia sete de setembro?!”. Essa narrativa, depois, fora enviada a alguém interessada/o em compor outro sujeito, agora um personagem, em texto literário. As *fixões* se apresentavam ficcionadas. Marcas na pele, marcas no texto, máscaras na cidade, compassos da história. Fazer o objeto a entrar na história, como pensava o psicanalista Jacques Lacan (1962-62/2005), leva a psicanálise à política de uma forma muito pouco

ortodoxa. Nesse texto, pretendemos mostrar metodologicamente como o fazemos.

As narrativas memorialísticas (Guerra, Oliveira et al, 2017), como método de acesso à história dos sujeitos a partir da psicanálise, permite pensar a ficção através da qual toda história é contada como *fixação*, no sentido de apreender os pontos nodais que enlaçam o sujeito na história e no próprio corpo. Ela é um aspecto central em nosso programa mais amplo de trabalho e de pesquisa. Lacan (1972/2003) aponta para a diferença entre *fixação* e *ficção*, localizando o primeiro termo como aquilo que possibilita a ancoragem do sujeito no real e permite um contraponto às ficções. Assim, ele diz:

“recorrer ao não todo, ao pelo menos um, quer dizer aos impasses da lógica, é, por mostrar como escapar das ficções da mundanidade, fazer uma outra fixação do real: isto é, do impossível que o fixa pela estrutura da linguagem. E também é traçar o caminho por onde em cada discurso se depara o real com o qual ele se envolve, e despachar os mitos com os quais ele ordinariamente se supre” (Lacan, 1972/2003, p. 480).

Buscamos reproduzir com essa metodologia de *narrativas memorialísticas* (Guerra et al, 2017), a experiência que faz de um sujeito, um *eu*, e de um *eu*, uma apreensão de outro sujeito. Recolhemos assim a narrativa através da qual o jovem se escreve no corpo social, de um lado, registrando sua história e testemunhando sua trajetória de vida. E, de outro, recolhemos a marca que o Outro social faz do jovem, quando escreve sobre seu corpo e sua forma de apresentação uma nova história, seja pelo estigma ou preconceito que carrega, seja pela alteridade ou diferença que, nesse laço, se compõe. Como não há Outro do Outro (Lacan 1975-76/2007) para garantir onde está a verdade, não existe outro recurso para acessarmos o sujeito, em nosso caso o jovem, senão por seu ato de fala, por sua forma *fixionada* de apresentação.

Assim, registramos e participamos do encontro de juventudes várias que ocupam a cena da cidade. Adolescências que, há séculos, no Brasil e no mundo, dividem-se entre o ideal de futuro e o temor do fracasso da nação. Juventudes que fundaram a exigência de políticas públicas de educação para doutos, de proteção para vulneráveis e de castigo para perigosos. Mesmo com toda a mudança legislativa e discursiva do novo Estatuto da Criança e do Adolescente, da década de 1990, no Brasil a adolescência ainda é coisa de rico e a juventude ainda permanece associada a imagens congeladas de rebeldia, vandalismo, ruptura – e, se

negra, associada à criminalidade.

As juventudes falam diferentes vozes, inscrevem novas formas de fazer política, de construir as cidades, de organizar a educação. Paralisam, ocupam, resistem. E não suportam que bandeiras ideológicas as ocultem sob o manto da hegemonia nos espaços do poder. Manter o corpo vazio na centralidade do poder, realizando-se como gesto (Agamben, 2007), inaugura formas inéditas da juventude se vestir de um corpo político. É nessa direção que caminhamos ao seu lado em nossos programas.

PARA ENTENDER O PANORAMA

A complexa realidade das juventudes no Brasil, portanto, exige intervenção, mas não qualquer uma. O programa, que será aqui apresentado, nasce de três problemas estruturais brasileiros que, infelizmente, ganharam impulso, mas felizmente, receberam novas iniciativas nas últimas décadas. Eles podem ser assim reunidos: preconceito racial e social, incremento da criminalidade juvenil e aumento da mortalidade juvenil entre negros. O Mapa da Violência no Brasil de 2012 (Waiselfisz, 2012), traz o preocupante aumento de homicídios entre jovens negros, que embora alarmante, não causa grande repercussão no campo social. Interessante notar que não se observam diferenças significativas destes números entre brancos e negros até os 12 anos de idade – quando um adolescente já pode receber a medida socioeducativa sancionatória, disciplinar e educativa a que lhe couber responder juridicamente face ao seu ato infracional.

Após esse ponto, há um crescimento marcadamente mais elevado do número de homicídios entre os jovens negros, 46 vezes maior se comparado aos números de morte dos jovens brancos de mesma faixa etária. Contudo, os elevados níveis de vitimização juvenil não se originaram na última década. Estudos históricos mostram que as epidemias e doenças infecciosas, que eram as principais causas de morte entre os jovens, foram substituídas por causas externas. Em 1980, as causas externas já eram responsáveis por aproximadamente metade (52,9%) do total de mortes dos jovens do país. Trinta anos depois, em 2010, 73,2% da mortalidade juvenil devem-se a causas externas (ou também causas violentas, como costumam ser denominadas). E o principal responsável por essas taxas são os homicídios, os quais respondem por 38,6% de todas as mortes de jovens no ano 2010 (Waiselfisz, 2012).

Além disso, a seletividade do sistema prisional brasileiro, aliada ao rejuvenescimento da população carcerária, indicam a urgência em se pautar esses

problemas, cujo centenário lembra os tempos da abolição da escravatura e a inscrição social do negro como mercadoria, ainda no Brasil imperial. Preconceito arraigado e denegado com o advento da república e a ausência prolongada de políticas de reparação para a população afro-descendente até o advento de nossa Constituição Federal em 1988.

A partir desse contexto, nasce o “Programa de Extensão Já É: Psicanálise e Coletivo de Arte com Adolescentes em conflito com a lei” (Guerra, 2013), vinculado a investigações científicas em torno da relação adolescência-criminalidade-violência, cujos resultados assinalaram a necessidade de intervenções em rede com o público jovem, negro e pobre, alvo da violência explícita. O programa busca intervir junto a adolescentes em conflito com a lei, moradores de aglomerados urbanos na região metropolitana de Belo Horizonte, com vistas à mudança de seu sistema de vida, promoção de direitos humanos, formação política e combate à mortalidade juvenil, além de buscar contribuir com as políticas públicas de combate à violência dos setores da segurança pública, saúde e direitos humanos.

Operamos com a hipótese de que metodologias de intervenção voltadas a esse público jovem deveriam incidir sobre o plano político e, ao mesmo tempo, sobre o campo subjetivo. Verificamos, numa experiência piloto com construção de quadrinho mangá que, partindo da noção de discurso, o plano político (cidadania) e o plano subjetivo (inconsciente) tornam-se indissociáveis. Assim, uma intervenção que opere mudança em um plano acarretaria efeitos de mudança no outro, a partir de um ponto de perda que necessariamente exige uma reconfiguração que afeta a ambos os planos (Guerra, 2017). Pensamos topologicamente a subjetividade e a política como os dois lados de uma mesma fita, que carece de uma torsão (ou mais de uma torsão) para se articular. Pensando que a torsão subtrai de cada lado sua totalidade, desse ponto nasce a relação de continuidade entre ambas. Isso não implica patologizar o social, nem individualizar a determinação histórica, e muito menos em responsabilizar o sujeito pelos efeitos da infra-estrutura econômica. Ao contrário, convida a uma perspectiva prismática que suporta a complexidade da experiência dos jovens em sua diversidade.

Além disso, na intervenção, tanto o técnico do Já É, quanto a comunidade e também o jovem, são convidados a revisar seu olhar sobre a violência e sobre a criminalidade, produzindo uma reflexão que suspende preconceitos e desfaz a falta de informação sobre a realidade do jovem em conflito com a lei. Portanto, com essa metodologia que articula subjetividade e política, intervimos em diferentes níveis (singular, institucional, comunitário e político) com vistas a instalar processos

de transformação subjetivos, discursivos, simbólicos e sociais da condição do jovem e de sua apreensão discursiva pela cultura, atuando também na formação continuada de técnicos sociais das políticas públicas.

A CRÍTICA ÀS SOLUÇÕES TRADICIONAIS

Os diferentes programas públicos de intervenção com a juventude, em sua maioria, assentam-se sob bases adultocêntricas, repressoras e tradicionais (Castro, 2008). Sejam os sistemas socioeducativo, da assistência social, da educação ou da saúde, e mesmo os da prevenção e da segurança pública, se apresentam reincidentemente excludentes, fortalecem o circuito segregatório, incitam a carreira criminosa e poucos acessam o território e sua dinâmica, incluindo nela a lógica do crime. Além disso, mesmo no esforço inventivo de alcançar o adolescente, não reconhecem as formas de expressão das juventudes, especialmente a periférica e não conhecem a língua do jovem. Valem-se de classificações universais e externas ao contexto local, sempre vindas de fora de seu universo semântico e linguageiro, desconectadas mesmo da necessária intersectorialidade dos programas públicos.

Estes apresentam muitas dificuldades em funcionar em rede com linguagens e estratégias suplementares e conectadas por fios diferentes, compartilhando responsabilidades. Rendem-se à burocracia que esmaga o operador e filtra em números e porcentagens diferentes manifestações de vida. Outras vezes, perdem de vista o adolescente como sujeito de cuidados e como sujeito de direitos e deveres, esquecendo-se do mais básico: tomá-los simplesmente como autor, cujo gesto registra sua presença. Finalmente, ao se submeterem aos protocolos, prontuários e demais encargos administrativos e de encaminhamento e avaliação, desconsideram os percursos singulares, a historicidade e circuitos afetivos e simbólicos do jovem, imprimindo uma marca estrangeira na vivência íntima de subjetividade e de cidade que cada um deles constrói. As políticas públicas tornam-se estrangeiras de sua própria população. Não à toa o jovem responde: “me inclua fora dessa!”.

Nossas hipóteses para responder a essa série de reincidências institucionais são as de que:

.É preciso atuar em mão dupla entre o jovem e sua imagem, o jovem e a cidade, o jovem e a família, e suas mais diversas colateralidades;

.É necessário desconstruir preconceitos com números e realidades vivas de

experimentações criativas e responsivas que os jovens inventam;

.É sempre bom lembrar que adolescente está de passagem entre o corpo tutelado da infância e o corpo autônomo do adulto;

.É indispensável entrar na vida e no propósito, no que faz vínculo com jovem, ao seu lado;

.É urgente reconhecer a língua afiada do jovem no circuito linguageiro comum;

.É essencial conhecer e operar no seu território;

.É central considerar o singular no universal, sem desconsiderar o coletivo;

.E tangibilizar, sustentar o efeito da intervenção, o que ela produz de mudança numa teia que permita furos para a composição de novas tranças.

OS PRINCÍPIOS DE NOSSO PROGRAMA DE TRABALHO

Podemos dizer que o Já É Quadrinho é efeito e causa desse movimento renovado de pesquisa, de intervenção e de ensino. Nesse sentido, se articula a conhecimentos ainda não estabelecidos, forçando sua descoberta. E também valoriza o saber não acadêmico e se deixa modificar por ele. O programa suporta seus próprios impasses e se modifica a partir deles, registrando sua experiência de maneira acadêmica e não acadêmica.

Ten(s/c)iona a transformação da alteridade, seja ela o jovem, o profissional, o estudante, a instituição socioeducativa, a universidade, a cidade. E convive com o universal, entendendo que ele é a subversão das lógicas singulares e que essas não são encampadas em seu conjunto pela universalidade da experiência de mundo.

Dada essa multiplicidade de singularidades quaisquer (Agambem, 2013), operamos com a psicanálise em *interface* com outros domínios epistemológicos. Essa relação é compreendida como *suplementar*, ou seja, o que concerne especificamente a cada campo disciplinar torna-se suplemento do outro, no sentido de abrir uma nova condição de possibilidade analítica. Assim, configuram-se novos objetos.

Dessa maneira, não concebemos, de saída, a relação entre os diferentes campos disciplinares como antagônica, hegemônica, excludente, necessária ou dialógica. Funcionamos tomando-os como campos *disjuntos*, isolando elementos descritivos e analíticos para reflexão epistêmica e ação concreta (Guerra, 2015).

Por isso, como afirmamos acima, concebemos como clínico-política nossa metodologia. Entendemos como superfície contínua a cidadania e a subjetividade, não redutíveis entre si, mas sendo ambas capazes de produzir efeitos uma sobre a outra, na modulação dos modos de vida concernidos nos casos trabalhados sob sua ótica. Pretendemos, com ela, impactar população e jovem com perspectivas que deslocam preconceitos, e também informar sobre outros modos de viver, no compartilhamento de responsabilidades pela cidade e seus processos segregatórios.

Para atingir partes desses efeitos que espera, o Programa Já É possui três frentes permanentes de intervenção, alinhavadas por pesquisa internacional, que movimenta o saber e o fazer na extensão universitária. São elas:

1) Clínica: Atendimento clínico psicanalítico individual a adolescentes em conflito com a lei, realizado por voluntários, na clínica-escola do curso de Psicologia da UFMG, sob supervisão quinzenal e seminário semestral, a partir de demanda do jovem ou encaminhamento da instituição socioeducativa.

2) Conversações psicanalíticas: Conversações realizadas em dispositivos da rede socioeducativa, com equipe e/ou jovens do serviço, através de equipes voluntárias compostas por profissionais e alunos orientados pela psicanálise, a partir de demandas formuladas sob a forma de impasses verificados na instituição.

3) Quadrinho do Morro: Intervenção comunitária em aglomerados, realizada com equipe de psicanalistas e artistas quadrinistas, através de oficinas de produção de quadrinhos, com publicação dos mesmos e posterior uso do quadrinho como dispositivo de transformação discursiva.

Todas essas frentes são permanentemente alimentadas por pesquisas de mestrado, doutorado e pela pesquisa-eixo do Núcleo PSILACS. No momento dessa intervenção, nossa pesquisa destinava-se a

constituir o fundamento metodológico de modelo de intervenção.

Nesse artigo, nos deteremos na apresentação da terceira modalidade do Programa, com relato dos pressupostos de nossa metodologia e de uma das experiências que realizamos. Temos como horizonte junto ao jovem a ampliação no uso da palavra, a ampliação dos horizontes político-culturais e a ampliação do acesso ao circuito do capital, através de novas modalidades éticas e estéticas na relação *favela-asfalto*.

NOSSA ESTRATÉGIA METODOLÓGICA NO JÁ É QUADRINHO

A estratégia metodológica se organizou em torno da realização de oficinas de quadrinhos em dois territórios (Bairro Fátima em Sabará e Pedreira Prado Lopes em Belo Horizonte) com vistas à produção do "Quadrinho Já É". Durante um semestre, em espaço escolar no primeiro território, e numa região da própria favela, no segundo, realizamos conversações psicanalíticas a partir de uma proposta de levar a voz da favela ao asfalto, através da produção de um quadrinho no estilo mangá. Esse convite foi feito aos coletivos, mais ou menos estáveis, que se reuniam a cada quinze dias em cada território, junto com uma equipe de duas psicanalistas, duas alunas e um quadrinista. Os encontros incluíram adolescentes de uma escola pública no primeiro caso e moradores da favela, entre jovens e adultos, com maior ou menor envolvimento com o crime, no segundo caso.

Os encontros funcionaram através de conversações psicanalíticas que visavam identificar impasses para os jovens e adolescentes e trabalhá-los a partir de seus elementos discursivos, buscando produzir deslocamentos identificatórios e nomeações que favorecessem uma mudança quanto ao sistema de vida dos jovens, envolvendo também, direta ou indiretamente, a escola e a comunidade nesse processo. De maneira correlata, também ofereceu formação de pessoal técnico e acadêmico, através de seminários, reuniões clínicas e capacitações, decorrentes das análises e dos resultados da intervenção e da pesquisa que a acompanhava.

A metodologia da conversação psicanalítica possui características específicas. Segundo Miranda *et al* (2007), ela é uma metodologia de pesquisa desenvolvida a partir da proposta elaborada por Jacques Allain-Miller nos anos 1990, como um dispositivo clínico que buscava abrir o campo para a palavra entre os psicanalistas. A prática da conversação como metodologia constitui-se como um dispositivo de

investigação que parte da oferta da palavra, podendo provocar o efeito de fazer vacilar os significantes de identificação que se repetem e mantêm o sujeito no mesmo lugar, que atestam a repetição de posições, possibilitando a emergências de particularidades e da novidade.

A *conversação* tem como princípio abrir possibilidades para interrogar os discursos prontos, pois questiona as máximas impostas pela cultura, ao contrário de concordar com a nomeação dada pelo Outro. A conversação difere radicalmente de uma conversa, já que é orientada pela relação estrutural que a linguagem estabelece com o corpo diante dos impasses da civilização. Nesse sentido, o ato de fala concerne natureza e cultura ao mesmo tempo, ao dotar o aparelho da linguagem de um ordenamento do gozo (Miller, 2001), que condiciona os corpos a um aprendizado de convivência no laço social. Cabe destacar nesse processo ao menos três dimensões da metodologia que o orienta: (1) a relação com o saber que ali se produz, (2) a presença do psicanalista, que toma como associação livre inconsciente a produção singularizada de cada participante, (3) a diferença entre falação e conversação.

Destacamos a diferença entre uma falação vazia, na qual proliferam os arranjos imaginários, recobertos por assertivas genéricas, para uma conversação. Nesta, a responsabilidade pelo ato de fala é recolhida pelo psicanalista, a partir do ponto em que cada sujeito é tocado pelas palavras que ali circulam, visando a quebra da identificação dos elementos mestres que organizam o discurso em torno dos impasses identificados. Dessa forma, abalados ou desconstruídos, podem ceder lugar ao sem sentido e, assim, abrirem-se à surpresa de uma produção própria e singular de cada um dos participantes ali presentes. Daí seu efeito se conta um a um, não para todos.

Das conversações nasceu o *story board*, cujo enredo foi construído e decidido de maneira participativa. O acordo entre equipe e coletivo do território era de que o quadrinho seria estruturalmente fiel à narrativa ali recolhida, testemunhada e estruturada. Ao todo, o processo durou um ano, incluindo contato institucional com os parceiros do programa de Controle de Homicídios Fica Vivo!, do Estado de Minas Gerais, seguido de abordagem comunitária para instalação da oficina, encontros semanais da oficina para construção do *story board*, realizada através das conversações psicanalíticas e, finalmente, suspensão do processo no território para construção da arte final do quadrinho e retorno ao campo para devolução do produto (nas comunidades, na universidade, nas feiras de quadrinistas). Atualmente, o Quadrinho Já É, como dispositivo de transformação do estigma do jovem

negro, está sendo usado em campanha do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA/BH) em campanha contra o genocídio da população jovem e negra no município de Belo Horizonte.

UM POUCO DE NOSSA VIVÊNCIA

Reunimos jovens do Buraco Quente, região do Aglomerado da Pedreira, a partir de indicação do nosso parceiro Fica Vivo. Contamos com um grupo variado, que incluía moradores da região e jovens envolvidos com a criminalidade. Apresentamos a ideia da produção de um quadrinho mangá, estilo japonês, que contasse a história da região. Realizamos, ao todo, sete encontros no anfiteatro da Vila, onde abordamos temas diversos, sempre a partir da fala dos jovens. Não procuramos ir nem ao encontro nem de encontro à veracidade dos fatos, dada sua dimensão sempre ficcional, mas intervir na relação que os jovens estabelecem com o Outro social, seja na forma de 'gangues rivais', família, comunidade, polícia ou Estado.

Num segundo momento, de posse das situações descritas pelo grupo, nos reunimos semanalmente para pensar no enredo da história em quadrinho, cuja ficção nasce dessa realidade testemunhada pela equipe técnica. Trata-se portanto, de uma história fixional que recolhe a experiência traumática atualizada diariamente na experiência da periferia. Tomamos como referência as situações descritas pelos jovens da região, mas que as ultrapassam a partir da criatividade do artista e da intenção de intervenção do pesquisador-interventor. Dessa maneira, um diálogo possível entre favela e asfalto também se reconstituiu na confecção do Quadrinho.

Sobre o enredo construído, podemos dizer que tocou em aspectos centrais e recorrentes dos impasses vividos pelos jovens nas periferias. Nós os reunimos aqui a partir de seus pontos de *capitonagem*, ou de condensação, capturados no deslize metonímico das narrativas escutadas.

1) Para os moradores, o ponto de partida para o quadrinho deveria ser o evento de uma chacina, ocorrido há alguns anos atrás em uma festa realizada em sítio, fora da cidade, no qual vários deles estiveram presentes. A chacina aconteceu entre dois grupos rivais do tráfico, sem que se conseguisse localizar o que a motivou. O evento, traumático, é de uma densidade para a qual faltaram sempre palavras para testemunhá-lo. Foi descrito como marcante, pois morreram "inocentes", pessoas que não

tinham envolvimento com a criminalidade. Percebemos e intervimos, nesse primeiro encontro, perguntando sobre a naturalização da morte do jovem envolvido no crime, como se estes pudessem morrer, como se houvesse inevitavelmente um destino trágico para o jovem em conflito com a lei ou ainda como se sua morte fosse legítima e não sancionável.

2) Os jovens solicitaram que a história não abordasse somente o tráfico, mas que incluísse a vida, o cotidiano, as relações na comunidade e o que havia de bom encontro ali. Entretanto, tiveram muita dificuldade em contar o que haveria de positivo no território. Aqui percebemos uma identificação da comunidade com a imagem socialmente construída de que os aglomerados são espaços de violência e criminalidade. Essa adesão identificatória cria obstáculos a outros usos do espaço coletivo e instala um sentimento de insegurança, de restrição de circulação e de menos-valor nos seus moradores, mesmo que distantes do crime. Trabalhamos sobre essa estética de vida que valoriza o espaço urbano em suas múltiplas composições.

3) Sobre a relação comunidade-crime, a comunidade nos relatou como as soluções que evitam a entrada de jovens no crime, que desviam escolhas pelo crime ou que resgatam adolescentes do envolvimento com a infração, nascem de iniciativas não oficiais e em nada institucionalizadas, na maioria das vezes agenciadas pela família e/ou amigos afetivamente importantes, e menos pelas intervenções públicas e pelas ofertas do Estado. Aqui, aprendemos que as ações com os jovens devem envolver a corresponsabilidade da família – que, muitas vezes, carece ela própria de intervenção e cuidado –, envolvendo sujeitos afetivamente importantes no quadro relacional do jovem. A oferta excessiva de recursos, desconectada da realidade afetiva do jovem, de seu campo de relações, de seu espectro de ideais, produz o que chamamos institucionalmente de "não adesão" do jovem ao dispositivo ofertado, deixando o Estado com a sensação de que oferece demais, sem ser valorizada sua gama de ofertas. Esquece-se que a rede que conta e faz diferença nos processos de

ressignificação subjetiva pelo jovem é a dele, não a do Estado. Daí a transferência ser um elemento forte para pensar a maneira como estar ao lado do jovem. Na prática, porém, percebemos que é necessário que qualquer oferta entre no circuito das relações significativas do jovem para ser efetiva.

4) A relação com a polícia não é sem conflitos, tanto por parte dos jovens infratores quanto por parte dos moradores que não têm envolvimento com o crime. Há relatos que denunciam, de um lado, abusos e violações do policial que age contrariamente ao ordenamento da corporação e, por outro lado, o reconhecimento de policiais que restauram a ordem e mediam conflitos. De toda forma, a abordagem truculenta dos policiais é um ponto comum relatado. Aqui, percebemos a falta de informação sobre os canais oficiais de endereçamento do desvio de postura do profissional e também o sentimento de temor e impotência que inibe ações políticas de combate e enfrentamento da injustiça social presente nessas situações. Trabalhamos o testemunho dessas experiências com vistas ao deslocamento da posição de vítima por parte dessa população, dotando-os de informação e fortalecendo as ações de resistência já existentes no território.

5) A comunidade e a relação com o tráfico. O tráfico movimenta o lugar e traz segurança através dos códigos de conduta e de normatização que adotam, junto à comunidade e aos membros dos grupos de venda ilícita, para manutenção da atividade criminosa. Ainda acredita-se que, sem o movimento do tráfico, o território seria morto, sem pessoas na rua. A vida no território é, assim, bastante articulada à presença do tráfico, o que acaba por gerar uma espécie de ganho secundário de sua presença, ao preço de uma perda significativa em termos de liberdade e segurança. Trata-se de uma dinâmica própria. Nesse ponto, verificamos um discurso da ausência do Estado, por um lado, e, por outro, da composição de múltiplos arranjos coletivos e de convivência, ora tradicionais e herdeiros de histórias locais, ora dissociados do sentimento de pertencimento e marcados pelo consumismo neoliberal, marcando a dimensão contemporânea e histórica dessa realidade.

6) Foram abordados os motivos que levariam alguém a entrar no tráfico, mesmo sabendo dos seus riscos. A “tentação-ostentação” é o binômio que emerge, nomeando a vivência com a adrenalina, as mulheres e o dinheiro fácil, que se ganha e se gasta com a mesma liquidez. Esses foram alguns significantes que despontaram para explicar tal escolha. Ao final, entretanto, concluíram que cada um/a tem uma história e um ponto de causa que o/a movimenta e motiva. Ponto que nos orienta a seguir a singularidade com que cada jovem articula sua presença no laço social, ao invés de apostarmos em proposições universais que não contemplam a inserção individualizada de cada jovem nos territórios por onde circula.

7) Cientes de que não ganham com a guerra, jovens se perguntam quem ganharia de fato com este sistema, chamado de “perverso”. Aqui verificamos um vislumbre da crítica social que revela, na estrutura do tráfico, um sistema de extermínio de jovens, cujas vidas hoje se mostram, antes supérfluas ao sistema capitalista, que cooptadas para exército de reserva que regula o valor do trabalho, substituídas sempre que necessário. Tanto comunidade quanto juventude se deparam nesse momento da intervenção com uma questão que vai além da rotina do crime e introduz um campo de reflexão, necessário a qualquer mudança societária e de posição nessa lógica que os compreende como partes de um processo social de exploração e de violação mais amplo.

O QUADRINHO JÁ É 2

Num segundo momento, de posse das situações descritas pelo grupo, a equipe se reuniu semanalmente para pensar no enredo da história em quadrinho, cuja ficção nasceu dessa realidade denunciada pelos participantes da oficina e testemunhada pela equipe. A história começa com a cena de uma chacina num sítio, onde vemos corpos ensanguentados atirados ao chão: crianças, jovens, mulheres. O leitor é levado então a percorrer as páginas do quadrinho para conhecer o motivo dessa tragédia.

No território, dois personagens se destacam: Girinim, um estudante que leva a sério os conselhos da mãe, pois não quer repetir o destino do pai, morto por envolvimento no tráfico. Ele trabalha num lava a jato,

ganha seu dinheiro, vai à escola e tem seus amigos. Um destes amigos passa a se envolver no crime e, a partir daí, chama a atenção das meninas, tem sua própria moto e herda a guerra com os “alemão”. Um dia, pegando carona com seu amigo, ambos são alvejados. No entanto, a bala não os atinge, mas acerta fatalmente uma das irmãs pequenas de Girinim, que passava por ali. Pausa.

Outro personagem, Kabelo, não possui vínculos familiares e mora numa kombi, estacionada na Vila. Faz assaltos aqui e ali e vende seus produtos para o chefe da boca. Numa determinada cena, é interpelado por um rapaz se aquele produto foi roubado na região. Uma discussão se inicia, Kabelo não admite tal pergunta que coloca em suspeita sua conduta. Alguns dias depois, um celular roubado de uma moradora é encontrado na sua Kombi, motivo para ser expulso da região, seus pertences foram queimados e sua história teve que ser refeita em outro local.

A partir daí, estes personagens se envolvem na criminalidade, cada qual com sua motivação. Atuam em grupos rivais e têm seus destinos selados a partir de uma “conversinha fiada”, através da qual são levados ao desfecho trágico, que repercute nas eleições, na mídia, no campo social, deixando como rastro a pergunta sobre quem de fato ganha com a guerra.

Aqui verificamos um vislumbre da crítica social que revela, na estrutura do tráfico, um sistema de extermínio de jovens, cujas vidas, supérfluas e matáveis, são cooptadas para o trabalho e repostas sempre que necessário. Tanto comunidade quanto juventude se deparam na intervenção com uma questão que vai além da rotina do crime e introduz um campo de reflexão crítica, necessário a qualquer mudança de posição nessa lógica que os compreende como partes de um processo social mais amplo.

RECOLHIMENTO DOS EFEITOS DA INTERVENÇÃO

A experiência do quadrinho na Pedreira Prado Lopes em Belo Horizonte, assim, nos ensina para além dela, que os deslocamentos discursivos são acompanhados de deslocamentos subjetivos e de poder. Se, no início do percurso, o coletivo com quem trabalhamos, não localizava sequer a origem da guerra naquele território, que afetava diretamente a vida de todos ali, ao final do processo, estabeleceram um novo saber apreendido no processo de construção dos quadrinhos: a participação ampliada da comunidade no crime, mesmo dos “de boa”, todos afetados pela “tentação-ostentação” comandada pelo capitalismo e alimentada na rotina do aglomerado e da cidade.

A cada cena do quadrinho construída, uma elucidação sobre os personagens que compunha sua trama se revelava. Eles eram compostos, na meia-verdade histórica de seu tempo, ora como produtos, ora como detritos de um sistema, ora como participantes ativos de sua manutenção, ora como sujeitos descentralizados em relação ao poder, ora fortalecidos pelas redes locais e informais.

Destacou-se o tráfico como uma espécie de sistema de vida dentro de um sistema maior, capitalista e neo liberal, que possibilita ao morador da periferia participar da sociedade de consumo de maneira legitimada pelos pares. “*Eu sou chefe de família, você acha que eu tenho condição de comprar um celular bacana? Não tenho. Ai chega o cara e te oferece o aparelho por \$50,00, que na loja custaria R\$ 300,00. Se você tiver o dinheiro, você compra. Você acha que você vai ficar pensando que o cara roubou? Não vai!*” (Relato de conversação, 2015).

Diante deste ponto, pudemos tocar diretamente a responsabilidade até então não dita de cada um frente à manutenção deste circuito. Assim como os jovens do tráfico por vezes entram na criminalidade em busca de “mulher, balada e fama”, em busca de ostentação, os moradores da região, aqueles não envolvidos diretamente com a criminalidade, se vêem apreendidos por uma lógica muito próxima.

Recolhendo as falas do grupo sobre a vida na comunidade, alguns pontos se destacaram: a morte consentida, a guerra que se inicia por mitos como a “conversinha fiada, olho grande, mulher”, a relação com o tráfico, o conflito com a polícia, a ausência do Estado, a família ou a ausência dela e as escolhas individuais para a entrada na criminalidade. Recolhidos, tornaram-se elementos norteadores no acolhimento destes testemunhos, na escuta psicanalítica, na construção do quadrinho e em seu uso posterior como dispositivo de intervenção.

PARA MANTER ABERTA A CONCLUSÃO

É na tentativa de uma transmissão para o “asfalto” sobre a tessitura discursiva escrita e desenhada nessa experiência no aglomerado, orientada por uma ética que dá lugar ao saber subjetivo e à práxis política de cada um dos participantes, que pudemos registrar um novo saber que fez vacilar concepções e mitos a respeito da vida na periferia. O binarismo entre *favela* e *asfalto* aumenta a distância entre suas estéticas e modos de vida, cria estigmas, muros e desconhece a dimensão humana que aproxima ambas as realidades. Também desconsidera os diferentes

modos de tratamento que essas populações recebem do poder público instituído, bem como as responsabilidades que deveriam ser compartilhadas na vida em comum.

Nesse sentido, pudemos pensar o quadrinho mangá como estratégia de composição de uma forma de autoria, articulada entre diferentes vozes que se encontram nos pedaços do texto, cuja coesão força um enredo e sua escrita. Ao contrário do prontuário ou demais protocolos do serviço público, temos no quadrinho a força viva da palavra do jovem como gesto do autor, cujo valor se reconstitui no diálogo difícil com a cidade e suas fronteiras invisíveis. Deparamo-nos com a emersão da escrita possível daquilo que, ao tocar o real, o desloca, produzindo um novo simbólico acerca das fixões subjetivas e históricas que se escrevem ao lado da e sobre a juventude. Não há um lado bom e outro mau, um certo e outro errado, um violento e outro vitimado. As complexidades periféricas mostram, de maneira caricatural, que viver junto não é simples.

Assim, podemos, para finalizar sem encerrar a discussão, resumir nossos pressupostos metodológicos para intervenções com jovens e adolescentes como sendo, principalmente, calcados nos seguintes aspectos:

- 1) considerar que o jovem sabe e pensa, trata-se de estar ao seu lado nas respostas que produz;
- 2) tomar a ficção como *fixação* nas narrativas recolhidas como testemunho e trabalho analítico em qualquer dos espaços nos quais se (re)produza circuitos afetivos e pulsionais;
- 3) deslocar os saberes instituídos que estigmatizam e congelam corpos e verdades, raças, credos e cores;
- 4) articular a intervenção à permanente pesquisa, numa postura investigativa;
- 5) conceber a indissociabilidade entre subjetividade e política como premissa;
- 6) de maneira disjunta e suplementar, compor o mosaico de saberes na apreensão possível de pontos do real;
- 7) incluir a materialidade do inconsciente ao lado da realidade econômica;
- 8) conceber o ato de fala como ato de apresentação subjetiva;

9) descentralizar ações em relação aos espaços e discursos de poder instituídos;

10) reconhecer as diferentes estéticas de vida e de arranjo pulsional na construção do viver junto;

11) apostar na singularidade quaisquer como ferramenta política de transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agamben, Giorgio. (2007). O autor como gesto. In *Profanações*. São Paulo: Boitempo, p. 55-64.
- _____. (2009) O que é um dispositivo? In *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, p. 25-51.
- _____. (2013). *A comunidade que vem*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Castro, Lúcia R. (2008). Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. *Revista de Sociologia e Política*, 16 (30), 253-268. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-4478200800100015>
- Drawin, Ana. (2017). Conto inédito. Mimeo.
- Guerra, Andréa M. C. (2013). *Por uma metodologia clínico-política de intervenção pela psicanálise*. Belo Horizonte: UFMG (Projeto, pesquisa)
- _____. (2015) Um pouco sobre nossa estratégia de trabalho: psicanálise, marxismo e a vida pelo dentro e pelo avesso. In: GUERRA, A. M. C. et al. (Org.). *Violência, território, família e adolescência: contribuições para a Política de Assistência Social*. Belo Horizonte: Sciptum, p. 17-42.
- _____. (2017) *Adolescências em tempos de guerra: modos de pensar, modos de operar*. Porto Alegre: Editora da UFRGS (no prelo).
- Guerra, A. M. C.; Oliveira, L. V. ; Lima, R. G. E. ; Moreira, J. O. (2017). The Narrative Memoir as a Psychoanalytical Strategy for the Research of Social Phenomena. *Psychology*, V. 8, p. 1238-1253.
- Lacan, Jacques. (1972/2003). O aturdido. In *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar. p. 448-497.

_____. (1975-76/2007). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Tradução de S. Laia. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Miller, Jacques-Alain. *Elementos de biologia lacaniana*. Belo Horizonte, Escola Brasileira de Psicanálise-MG, 2001.

Miranda, Margarete Parreira, Vasconcelos, Renata Nunes e Santiago, Ana Lydia Bezerra (2006). Pesquisa em psicanálise e educação: a conversação como metodologia de pesquisa. In: *Psicanálise, Educação e Transmissão*, 6, São Paulo. Proceedings online... Available from: . Acesso on: 1º out. 2017.

Waiselfisz, J. J. (2012). *Mapa da violência 2012: Os Novos Padrões da Violência Homicida no Brasil*. São Paulo: Instituto Sangari. Disponível em: . Acesso em 24 out. 2017.

Notas

¹ Esse projeto de extensão foi financiado pelo PROEXT/UFMG, através do Programa Nacional Juventude Viva do Governo Brasileiro e a pesquisa a ele correlata é financiada pelo Edital Universal de 2017 da FAPEMIG e pelo Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da Universidade Federal de Minas Gerais (IEAT/UFMG).

RECEBIDO EM: 07/11/2017
APROVADO EM: 01/12/2017